

Capítulo III

Religião

Católica em sua maioria, a população taboense teve ao longo de sua existência um número significativo de párocos ou curas que, evidentemente, tiveram relevante papel na evolução da cidade e na formação de seu povo. Conheci como primeiro vigário, o padre Inácio Américo Bezerra, por quem eu e a maioria de meus irmãos fomos batizados. Polêmico, controvertido, corajoso e extremamente trabalhador, padre Inácio esteve à frente do paróquiato de Monsenhor Tabosa, de 1936 a 1959, quando renunciou à condição de pároco.

“Em 1959, Padre Inácio decidiu renunciar à sua condição de pároco. Com a renúncia, passou a residir na Fazenda Juazeiro, em Independência, onde nascera. Entretanto de quinze em quinze dias visitava a terra adotada”.

“Quando já alquebrado pela doença que o levaria ao túmulo, passou a residir em Fortaleza e o desenlace ocorreu em 21 de março de 1982, tendo sido sepultado no cemitério Parque da Paz”.

Estes parágrafos, extraídos do livro: Padre Inácio, o Precursor do Movimento Solidário em Monsenhor Tabosa, de autoria de Laís Almeida Martins, José Airton Bezerra de Oliveira, Maria Augusta Melo Bezerra e José Nelson Araújo Pinho, encerram a existência física de Padre Inácio Américo. Todavia, sua memória, seus feitos e seu legado, permanecerão vivos. “ad infinitum” entre tantos quantos o conheceram, particularmente este autor que sempre nutriu um profundo sentimento de respeito, obediência e admiração pelo reverendo extinto.

Do Grajaú Para o Confessionário

Em 1955 a Paróquia de Monsenhor Tabosa foi sede de um retiro espiritual do qual fizeram parte alguns Padres de cidades vizinhas tais como padre Bonfim de Cratreús, padre Leitão de Nova Russas, entre outros, sob a coordenação do vigário padre Inácio Américo.

Foi nessa época que fiz minha primeira Eucaristia, sendo o padre Bonfim, meu primeiro confessor. Na preparação para receber tais sacramentos, confissão e comunhão, aprendi quais os requisitos básicos para uma boa confissão, quais sejam: exame de consciência, declaração dos pecados, arrependimento, propósito e penitência. Aprendi outrossim, a definição de um pecado mortal que é assim caracterizado: matéria grave, conhecimento perfeito e deliberação plena. É evidente que tudo isto é visto pela ótica da religião católica, pois as outras denominações naturalmente ignoram os presentes ensinamentos.

Foi também nessa época, que uma ansiã moradora na localidade de Poço dos Cavalos, que há anos não vinha a cidade, foi trazida para se confessar. Semi- parálitica e decrepta, aquela senhora foi conduzida dentro de um grajau fazendo contra-peso com um pilão das costa de um jumento. A chegada foi no hotel do senhor Gonzaguinha próximo a Igreja,

de onde foi levada diretamente para o confessionário. Quando o confessor perguntou há quanto tempo não se confessava, respondeu em alta voz: “Há 30 anos” (segundo os madamentos da igreja, o católico e obrigado a confessar-se ao menos uma vez por ano). O padre pediu para ela falar mais baixo so que ela falou tão baixo que ele já não entendia e pedia-lhe que falasse mais alto e ela então voltava ao tom anterior e assim foi difícil para a pobre anciã receber a absorção de seus pecados, que talvez nem fossem tantos.

Seminaristas

Nos anos cinquenta e sessenta Monsenhor Tabosa contava com um razoável número de seminaristas, estudantes nos seminários de Sobral e Fortaleza e que nos meses de janeiro, época de férias se fazia presentes nos eventos religiosos alusivos às comemorações e homenagens a São Sebastião, o Santo Padroeiro. O sentimento religioso e a inclinação para o clero era patente entre os jovens taboenses daquela época e como era muito dispendioso manter um filho no seminário, somente quem dispunha de recursos financeiros suficientes para tal, ousava fazê-lo. Permito-me aqui, enumerar, os seminaristas daquela época, que como já foi dito, nas festas de janeiro, com suas batinas pretas e roquetes, auxiliavam o vigário na celebração da missa e demais atos litúrgicos; ministravam aulas de catecismo, conduziam o andor por ocasião da procissão numa clara expressão de religiosidade e fervor. Eram eles: Helder (Dr. Helder), Jonas do senhor Antônio Ferreira, Nivardo e Zairton do senhor Artur Cavalcante, Lulu do senhor Nelson de Pinho, Francisco José da Dona Anísia, Luis do senhor Ulisses, Javan da Dona Maria Neusa, Hugo do senhor José Américo, João e Dedé do senhor José Nunes, Cisa do senhor João Nunes, Antônio (Totonho) do senhor Manim, Sitônio do senhor Arlindo. Detalhe importante é que quatro dos seminaristas acima citados Javan, Hugo, João, Dedé, são sobrinhos do Padre Inácio. Somente o Jonas do senhor Antônio Ferreira, chegou à ordenação. Os demais optaram por outras formações profissionais e até onde eu sei, são cidadãos de bem e com reconhecido sucesso como profissionais liberais (médicos, advogados, etc.), empresários, servidores públicos e juiz na capital do Estado ou fora dela.

Convém ser ressaltado que outros taboenses cursaram o seminário, até a ordenação, como foi o caso do Padre Odilon Marinho Pinho, ordenado em 1952, Padre Juraci Silva, ordenado em 1963 e Frei Moisés Rocha de Almeida, ordenado em 1961. Estes, não os conheci como seminaristas.

O Terço de Nossa Senhora

Após a peregrinação da imagem de Nossa Senhora de Fátima, pelo Brasil, oriunda de Portugal, cuja passagem por Monsenhor Tabosa ocorreu em 1953, instituiu-se a obrigatoriedade de se rezar o terço todas as noites na Igreja Matriz. Em épocas de férias, este ato religioso era presidido por algum dos seminaristas anteriormente citados. Lembro-me que certa noite, por ocasião de tal procedimento, a cargo do seminarista Zairton, o mesmo dedicou um “mistério” ao pedido de chuva para o Ceará, vez que estávamos no mês de janeiro. Não sei se foi coincidência, ou se de fato a santa invocada intercedeu em seu favor, o certo é que o dia seguinte amanheceu chovendo.

Nos outros períodos do ano, aquele ato ficava a cargo de outras pessoas, tais como: Dona Mariinha Nunes, Dona Maria Lúcia, Dona Lídia Mendes, Dona Judite Araújo, Dizinho e outros. Como ainda não havia energia elétrica, ou se quando já havia, a mesma faltava, a igreja era iluminada pelo lampião do senhor Manoel Valdivino, um autêntico católico e participante assíduo dos eventos religiosos da paróquia. Igualmente participantes do terço diário na matriz, lembro-me das seguintes pessoas: Senhor Farias, José Grajaú, Mestre Guai, José Duarte (Zé Cego), Ioiô, Ilário, Gracilina, Dona Elmira, Senhor Luis Valdivino e seu filho José. Dona Elmira costumava participar dos atos litúrgicos realizados na igreja com a cabeça recostada em uma coluna, cujas marcas do seu cabelo, mal lavado e oleoso, eram nítidas no local.

Um determinado vigário cogitou colocar pregos no local, para evitar tal procedimento pois estava sujando a coluna.

Dona Elmira não era de Monsenhor Tabosa – Quando a conheci, já se vestia de preto, morava sozinha e de tempos em tempos viajava a pé para o Canindé. Dizia que certa ocasião fora confundida com Nossa Senhora de Lourdes, quando se encontrava no interior de uma igreja naquela cidade – Dizem os mais velhos, que Dona Elmira costumava passar em Monsenhor Tabosa, vindo não se sabe de onde, com destino a Canindé. Numa dessas passagens, resolveu ali fixar moradia. Costumava puxar um cavalo pelo cabresto e dizia que quando estava com o animal, era como se estivesse com o marido. Não sei se o tinha ou se o tivera. O que sei é que nunca apareceu na cidade, qualquer ascendente ou descendente seu. Dona Elmira criava um galo que não sei se pela espécie ou se por algum problema genético, era parcialmente pelado. Às vezes, quando se estava brincando de adivinhação, perguntava-se: “Qual a ave que não tem pena?” Ao invés de responder a “Ave Maria”, respondia-se: “É o galo da dona Elmira”. Dona Elmira morava em uma casinha muito humilde, cujas condições de higiene não eram lá tão boas, na Rua São Sebastião, próximo à Igreja. Devota de São Sebastião, por ocasião da Festa em sua homenagem, costumava requisitar a imagem para pernoitar em sua casa, como outras pessoas faziam. No dia seguinte, dava a sua oferta em espécie, cuja origem ninguém conhecia, pois não se tinha conhecimento de qualquer fonte de renda daquela anciã.

Dizem que um vigário da época teria proibido ou demonstrado insatisfação com o fato de a imagem do santo padroeiro pernoitar naquela residência de precárias condições de higiene. Não sei se teria tido a mesma postura com relação à oferta.

O Penitente

Não foi da minha época, mas quem viveu em Monsenhor Tabosa nos anos 30, na certa se lembrará do “Penitente”, aquele personagem místico que se dizia enviado de Deus e, em nome do “Beato Zé Lourenço”, líder de uma seita religiosa com sede em Santa Cruz do Deserto, no Sul do Estado, arrebanhava famílias inteiras para serem levadas àquela comunidade.

Segundo informações dos que o conheceram, o “Penitente”, cujo o nome verdadeiro, desconheço, trajava-se com vestimentas bem características e, em público, portava-se como um verdadeiro servo do Senhor, como dizia ser.

Algumas pessoas no entanto, começaram a duvidar de suas reais intenções e da seriedade da instituição que ele dizia representar. Esse fato causou intenso mal-estar entre o céticos e aqueles que nele acreditavam.

Enquanto isso a comunidade em Santa Cruz do Deserto crescia de forma assustadora, havendo rumores de que o líder Zé Lourenço formava um verdadeiro harém, pois mulheres eram postas a sua disposição, enquanto os homens trabalhavam no serviço pesado para a manutenção de todos.

A Situação foi se dimensionando e causando preocupação às autoridades eclesiásticas e governamentais que decidiram interferir e assim poder compreender o que de fato estava acontecendo.

Começaram a surgir denúncias de assédios sexuais contra o “Penitente”, reforçando assim a posição dos que duvidavam de sua conduta, enquanto “Representante de Deus”.

Concluídas as investigações, descobriu-se a farsa e foi expedido mandado de prisão contra o “Penitente”, que ao ser preso, teria dito, de mãos postas: “Graças a Deus, está encerrada a minha Missão”. Que cara de pau!

Conheço gente ainda viva, que morando no Ferreiro na época lembra com nitidez do dia em que a polícia passou conduzindo o “Penitente”, da Barriguda onde fora preso em uma residência que o hospedara.

Conheci também um ex-Militar da Polícia Militar do Ceará, que integrou a Força Policial designada para desativar a comunidade e prender o seu líder.

O CURANDEIRO

No começo da década de 60, surgiu em Monsenhor Tabosa, não um penitente, mas um curandeiro que se dizia possuidor de poderes sobrenaturais capazes de curar doenças, as mais variadas e tidas como incuráveis.

Não lembro seu nome, mas sei que era um indivíduo de aproximadamente 30 anos de idade, moreno, estatura mediana, cabelos pretos e curtos.

Sabedor de suas promessas, meu pai o procurou e ofereceu-lhe uma boa quantia em dinheiro para que o mesmo curasse o Mestre Henrique, portador de uma grave doença genética que impedia sua locomoção, conforme já citado em capítulo anterior. A exigência era que o mesmo ficasse em condições de andar de bicicleta, subir em coqueiro, nadar e jogar futebol.

O curandeiro, é claro, não aceitou a proposta, pois sabia que não tinha condições para tal. O que dizia fazer era apenas uma farsa.

O charlatão armou sua tenda na localidade de Baixa Fria, onde passou a “consultar”.

Em uma de suas consultas, teria tentado molestar a consulente, uma senhora casada que logicamente não cedeu aos seus instintos e, indo mais além levou o fato ao conhecimento do seu esposo.

O resultado final é que o conquistador sofreu violento corretivo que lhe deixou de cama.

Sua sorte é que na época tinha um médico na cidade e este sim, tratou de curá-lo de verdade após o que o espertalhão desapareceu.